

# Interseções

REVISTA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

ISSN 2317-1456 / v. 27. n. 1 / 2025 / <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intersecoes>

## Dossiê: 10a Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

DOI: 10.12957/irei.2025.96082

Anelise Guterres  
Felipe Sussekind  
João Vítor Velame  
Julia Sá Earp  
Kauã Vasconcelos  
Rodrigo Charafeddine Bulamah

Entre os dias 6 e 10 de outubro de 2025, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) acolheu a 10ª edição da Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (ReACT), no *Campus Maracanã*<sup>1</sup>. Foi um retorno à cidade do Rio de Janeiro após 18 anos de encontros da Rede de Antropologia da Ciência e da Tecnologia realizados em diferentes estados brasileiros. Com o mote “Práticas germinantes”, esta edição buscou recuperar os debates dos últimos encontros ampliando as potencialidades etnográficas abertas nos estudos das ciências e das tecnologias e as aproximações possíveis entre esses saberes e os saberes não científicos e não acadêmicos.

Neste primeiro dossiê pós-ReACT, trazemos traduções de textos de autoras que participaram da reunião e que foram centrais para a concepção do evento. Algumas delas já tinham alguma circulação em nossos cursos e grupos de pesquisa, mas seguiam inéditas em português. Suas contribuições estiveram presentes tanto nas conferências quanto nas mesas temáticas da 10ª ReACT<sup>2</sup>. Convidamos, agora, os leitores e leitoras da *Interseções* a se debruçarem sobre esses textos que, acreditamos, trarão novas ideias aos debates candentes dos quais a ReACT sempre foi mais um marco no cenário nacional.

No artigo “Afro-Dog”, publicado originalmente em 2015, Bénédicte Boisseron examina imagens de cães policiais atacando manifestantes negros e campanhas de criminalização de deraças, como pitbull, para discutir como a desumanização – que torna certos corpos passíveis de violência – opera de maneira racializada e generificada nos Estados Unidos. Embora o cachorro seja, como propõe Haraway (2003), o modelo da “espécie companheira”, Boisseron lembra que cães treinados para perseguir populações racializadas foram ferramentas centrais da colonização nas Américas e observa que,

---

<sup>1</sup> O evento contou com auxílios diversos, entre os quais: Conference and Workshop Grant 2024, da Wenner-Gren Foundation; Programa de Apoio a Eventos no País (PAEP), CAPES, processo n. PAEP-88881.014425/2024-01; Auxílio à Promoção de Eventos Científicos, Tecnológicos e/ou de Inovação, CNPq, n. 441103/2025-1; Apoio à organização de eventos científicos, tecnológicos e de Inovação no RJ (APQ2), FAPERJ, processo SEI-260003/002513/2025.

<sup>2</sup> As conferências e mesas podem ser assistidas na página da ReACT no YouTube: <https://www.youtube.com/@rededeantropologiadacienci8653/featured> Acesso em: 09 dez. 2025.

ainda hoje, as vítimas dos ataques de cães policiais são majoritariamente homens negros. Sua análise leva, assim, a uma pergunta fundamental: para quem esses cães funcionam como companheiros e para quem representam uma ameaça?

Andrea Ballesterio, no artigo “Planetaridades casuais: coreografias, ressonância e a presença geológica de pessoas e aquíferos”, nos oferece reflexões sobre sua pesquisa recente sobre aquíferos para questionar nossas escalas de análise e a capacidade imaginativa de cientistas diante de ideias herdadas do período colonial e da Guerra Fria, como a noção de *planetaridade*. A partir da Costa Rica, a autora explora a produção de modelos e seus efeitos e movimentos, combinando pessoas, águas e rochas, em uma coreografia que nos desafia a levar a sério outras propostas semióticas e de vida que fogem das lógicas extrativistas do capital. Disso, surge sua proposta conceitual de “planetaridades casuais”, formas de encarar de frente a força geológica de diferentes seres e sujeitos, mas sem perder de vista “o mundo tal como o encontramos, a partir de nossos limites e restrições, e com plena consciência das forças contraditórias que conformam nossa existência”.

No terceiro artigo, Sarah E. Vaughn nos leva às zonas costeiras da Guiana, onde engenheiros lidam com a adaptação climática em meio à erosão, às instabilidades materiais e heranças coloniais que atravessam infraestruturas costeiras, como os espigões. Combinando etnografia, histórias orais e pesquisa de arquivo, a autora acompanha a formulação das “narrativas de inovação” mobilizadas por esses profissionais para fazer frente a ecologias mutáveis, programas de manutenção irregulares e pressões fiscais. Ao evidenciar como esses profissionais constroem credibilidade e tomam decisões em meio a uma governança climática em transformação, ela centra sua análise no *design* das formas de adaptação e mitigação das mudanças climáticas em ambientes costeiros. O ensaio mostra que a inovação se apresenta menos como avanço técnico e mais como prática política. Nesse movimento, revelam-se tensões que moldam as contramodernidades do Antropoceno e os caminhos possíveis para imaginar futuros em zonas costeiras marcadas pela vulnerabilidade. O artigo enriquece o dossiê com uma reflexão sobre como infraestruturas, saberes técnicos e políticas climáticas se articulam na resposta às transformações e crises ambientais contemporâneas.

Kristina Lyons, por fim, em “Melhorar os conflitos: direitos da Amazônia em mundos cosmopolíticos”, pensa os novos marcos legais na Colômbia que estabeleceram direitos inalienáveis à natureza e seus impactos na Região Amazônica. Partindo de um olhar atento ao modo como o ativismo judicial cria uma jurisprudência para a Terra sem, contudo, necessariamente trabalhar ao lado de populações locais, a autora explora como isso interfere em conflitos regionais. Sua proposta não é simplesmente superar tais conflitos, mas defender uma copresença cosmopolítica que possa melhorá-los, possibilitando outras formas de enfrentar e viver os desacordos e as divergências. A fim de superar paradigmas ambientais e econômicos modernos, Lyons aponta para novas alianças interculturais e ontológicas pautadas na vivência indígena do território e em suas raízes ancestrais, algo que pode nos inspirar a pensar temas caros à antropologia

no Brasil, como conflitos ontológicos, sobreposição de territórios tradicionais e unidades de conservação, e os debates sobre direitos e jurisprudência da natureza.

Com o espírito de que a ReACT siga germinando, esperamos que estes textos possam circular entre um público mais amplo, inspirando novas miradas sobre fenômenos climáticos, produção de fatos científicos, relações humano-animais e modos de interação e coprodução entre ciência, justiça e política.